



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS, JORNALISMO E LETRAS
COLEGIADO DO CURSO DE JORNALISMO

DOCUMENTÁRIO SOBRE CULTURA E IDENTIDADE
INDÍGENA ALDEIA DE SANTA ISABEL - ETNIA KARIPUNA.

MARIA IASMIM CAVALCANTE DE OLIVEIRA

ORIENTADORA: PROF^ª. MSC. LUCIANA MACÊDO

MACAPÁ

2018

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
PROBLEMA DA PESQUISA	10
JUSTIFICATIVA	11
OBJETIVOS	12
REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
METODOLOGIA.....	17
PRÉ-PRODUÇÃO.....	18
PRODUÇÃO.....	18
EDIÇÃO.....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	22
ANEXOS.....	24
ROTEIRO PARA AS ENTREVISTAS	24
ROTEIRO PARA EDIÇÃO.....	26
TRANSCRIÇÃO DO DOCUMENTÁRIO.....	33

MARIA IASMIM CAVALCANTE DE OLIVEIRA

**DOCUMENTÁRIO SOBRE CULTURA E IDENTIDADE
INDÍGENA ALDEIA DE SANTA ISABEL - ETNIA KARIPUNA.**

Memorial Descritivo do Projeto Experimental Documentário “Documentário sobre Cultura e identidade indígena aldeia de Santa Isabel, Etnia Karipuna” apresentado ao Curso de Jornalismo, da Universidade Federal do Amapá como requisito total à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Macapá , _____ de _____ de 2018

BANCA EXAMINADORA

Professora. Msc. Luciana Macêdo
Orientadora

Professor. Dr. Joaquim Cesar da Veiga Netto

Professora. Esp. Elisângela Andrade

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus e a minha família, especialmente ao meu avô José Almir, que me presenteou com minha câmera, minha mãe Jacinta, que auxiliou monetariamente e me incentivou a fazer algo diferenciado, ao meu amigo Josué Martins que me deu apoio moral e físico me acompanhando até a aldeia para realizar as gravações, a minha tia Janete, meu companheiro Alberlei e primo Isaac que me estimularam a finalizar o meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso).

Dedico ainda a todos os indígenas da Aldeia Santa Isabel, e todos os indígenas do país pois, com este documentário, eu espero que a discussão sobre a temática cultura indígena seja retratada e discutida com mais responsabilidade e com mais vivência por parte dos não indígenas.

Por causa da complexidade do tema dedico este trabalho a minha primeira orientadora Lylian Rodrigues que, com paciência e muita dedicação, me auxiliou no início e meio do trabalho, com orientações e discussões muito proveitosas, na reta final da conclusão do meu Memorial e documentários agradeço as dicas e orientações da minha segunda orientadora Luciana Macêdo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, a minha família e amigos que sempre estiveram ao meu lado me incentivando e estimulando a concluir este trabalho. Agradeço aos meus personagens e hoje meus amigos, os indígenas da Aldeia Santa Isabel, que direta e indiretamente participaram deste projeto, agradeço a UNIFAP (Universidade Federal do Amapá), instituição que me deu suporte técnico e pedagógico para a realização do meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), a FUNAI (Fundação Nacional do Índio) Amapá, e ao meu colegiado, pois os professores do curso de Jornalismo sempre nos orientaram a fazer algo diferente e marcante.

E, para finalizar, agradeço a minha turma Jornalismo 2011. Juntos travamos muitas batalhas com as dificuldades que encontramos por sermos da primeira turma do curso de Jornalismo da instituição: todos somos guerreiros!

Segundo a psicóloga Marcia Luz, “A palavra gratidão tem a sua origem no latim “*gratia*” que tem seu significado na palavra graças ou *gratus* que em sua tradução ao pé da letra significa agradável. Sendo assim, entende-se que a gratidão denomina-se pelo entendimento de ser grato a algo que a vida nos dá, sendo ele bom ou ruim”.

Sendo assim, obrigada a todos por tudo!

“Hoje nós temos escola, temos bons professores, e que esses jovens não tenham vergonha de mostrar a cultura, temos que mostrar para os não indígenas, que agente estuda, conhecemos nossos direitos e que nós não temos vergonha. Que não esqueçam dos costumes dos nossos antepassados, pois nós, vamos continuar o legado da nossa cultura. ”

(Sara Jana Santos Silva, Aldeia Santa Isabel, trecho entrevista fornecida em 2014)

RESUMO

O presente trabalho tem como propósito documentar os relatos coletados pelo processo de elaboração do documentário sobre Cultura e Identidade Indígena na Aldeia Santa Isabel, etnia Karipuna, através dos relatos e vivências dos próprios indígenas. Mostrando a identificação que se tem com a própria cultura e as alterações culturais sofridas ao longo dos anos, além de entendermos como estas modificações estão sendo absorvidas pela comunidade e como está sendo o processo de ressignificação e reafirmação cultural deste povo.

PALAVRAS-CHAVE: Amapá; Documentário; Áudio - Visual; Cultura Indígena; Identidade Indígena.

ABSTRACT

The present work has the purpose of documenting the reports collected by the process of elaboration of the documentary on Culture and Indigenous Identity in Aldeia Santa Isabel, ethnic Karipuna, through the reports and experiences of the indigenous people themselves. Showing the identification with the culture itself and the cultural changes undergone over the years, in addition to understanding how these changes are being absorbed by the community and how is the process of resignification and cultural reaffirmation of this people.

KEYWORDS: Amapá; Documentary; Audio-Visual; Indigenous Culture;.

INTRODUÇÃO

Minha busca por um tema que fosse diferente e desafiador me fez escolher trabalhar com a temática indígena. Quando soube que a professora Lilian iria para Oiapoque para lecionar no curso Intercultural Indígena da Universidade Federal do Amapá, campus Binacional Oiapoque e que lá teria contato com alguns indígenas, resolvi ir junto.

Fomos para o Oiapoque, eu sem saber direito o que iria fazer, ou o que iríamos encontrar por lá. Foi bem diferente o que encontramos do que imaginei! Pensava que encontraria um grupo muito semelhante aos descritos nos livros de história que contam sobre o descobrimento do Brasil.

Minha surpresa aconteceu logo que chegamos na universidade, a turma começou a se apresentar e eu fui percebendo que fisicamente somos todos semelhantes, porém nossa cultura, nossos costumes, nossas crenças são bem diferentes.

Este foi o ponto de partida do meu trabalho, ver que tudo que eu estava imaginando estava totalmente errado, daí surgiu em mim a necessidade de dar voz para aquele povo muitas vezes esquecido.

Na turma do curso Intercultural Indígena existiam quatro mulheres e três homens, todos com idades bem diferentes, com tribos e etnias distintas. No primeiro momento fizemos uma breve discussão sobre as linguagens e seus códigos. Como é de costume entre eles, os homens tomavam a frente da discussão, em seguida as mulheres poderiam manifestar o seu ponto de vista, esse modo de interação entre os indígenas e nós foi observado ao longo dos dias que seguiram.

Aquela forma de diálogo me chamou muito a atenção, pois não era nada imposto por um ou por outro, era algo natural, costumeiro. Naquele momento descobri a primeira diferença entre os dois mundos, indígenas e não indígenas. Essas semelhanças e diferenças entre nossos dois mundos foram o ponto de partida para confecção do documentário.

No primeiro encontro demos início as apresentações destes personagens no futuro iriam dar voz ao meu trabalho: A primeira personagem que conheci foi Sarah Jane, 23 anos, casada, Etnia Karipuna, Aldeia Santa Isabel. Ela mostra uma preocupação com a perda da língua materna de sua tribo e busca, com sua formação, ajudar a manter as tradições de sua aldeia. Hoje é professora contratada atuando na tribo como multiplicadora do conhecimento histórico cultural para as novas gerações.

Jackson, 39 anos, foi o segundo a ser conhecido, é uma figura muito importante dentro da aldeia, porém quando eu fui fazer o trabalho ele não estava lá. É casado, já foi cacique, vice-cacique e Pajé. É da Etnia Karipuna, mora na Aldeia Santa Isabel e atuou durante 13 anos como professor leigo (bilíngüe). Hoje a língua materna da tribo dele é um dialeto nomeado como Críolo Afrancesado. É concursado atuando como professor do Estado na aldeia.

Nesse primeiro contato fiquei muito impressionada, e vi que todas as informações que nós temos sobre este povo são muito equivocadas e muitas vezes erradas. Percebi que meu espanto era natural, já que estava tendo contato com uma cultura bem diferente da minha. E vi que meu trabalho poderia ajudar neste sentido, mostrando a realidade daquele povo, suas características, sua cultura, suas curiosidades.

Vi que, apesar de as aldeias terem características mais semelhantes a sociedade não indígena, os indígenas ainda cultuam uma preocupação com alguns rituais herdados de seus antepassados, como a dança do Turé, feita para agradecer os espíritos da floresta a todas as bênçãos recebidas durante o ano. Na maioria das vezes esta dança é feita pelo Pajé da tribo, é um ritual de agradecimento.

Outra prática comunitária herdada, é a roça, realizada por algumas famílias, neste momento todos se juntam para plantar, ou colher a mandioca, em regime de mutirão, com a união de toda tribo, sob a coordenação do cacique. Além da colheita, o mutirão é feito para realizar trabalhos em benefício da comunidade, como a capina e a manutenção de espaços comuns. Outro costume é a confecção de artesanatos, que com o passar dos anos sofreu modificações na utilização de alguns materiais, mas a essência é a mesma,

Meu interesse está na questão das identidades indígena e cultural, a fim de identificar as características da formação da sociedade indígena ao longo dos anos, seu cotidiano e memória.

Para dar forma ao meu trabalho escolhi fazer um documentário com características expositivas, pois este formato é o que me dá mais liberdade para abordar o tema escolhido sem perder a minha ideia central.

A ideia central do documentário foi deixar que os índios falassem sobre identidade indígena e cultura, assuntos que são a base do documentário. Não interferei diretamente, produzindo perguntas, apenas coloquei o tema e os personagens foram relatando o que entendiam como importante a ser explanado. Há palavras chaves ao longo do vídeo para marcar o tema do documentário e os subtemas. Existem também imagens de apoio da aldeia e dos indígenas para ilustrar as falas dos entrevistados.

1- PROBLEMA DA PESQUISA

A mudança natural ocorrida ao longo dos anos na cultura indígena Karipuna da Aldeia Santa Isabel, pode ser criticada, julgada ou condenada?

Após a colonização do Brasil pelos portugueses, os indígenas foram os povos que mais sofreram com as mudanças causadas pelas novidades trazidas junto com a colonização. Essas mudanças continuaram ao longo dos anos, e hoje podemos observar muitas mudanças no modo de vida indígena. Porém, a identificação por parte desse povo com as suas raízes ainda está presente no dia a dia da comunidade.

Antes de conhecer a realidade da comunidade indígena eu olhava com preconceito para as mudanças causadas pelas novidades tecnológicas que adentram ao ambiente indígena. A princípio eu acreditava que essas mudanças não poderiam trazer mudanças boas para esta comunidade.

Hoje minha ideia mudou completamente: após conhecer as histórias, os conflitos, as memórias, os ideais para o futuro, percebo que os indígenas desta aldeia sofreram grandes mudanças em sua cultura e a identificação por parte dos indígenas, mas essas mudanças não podem ser classificadas como ruins, pois os próprios indígenas utilizaram-se destas mudanças para fazer parte deste novo mundo, sem perder as riquezas culturais deixadas por seus antepassados.

Este documentário traz através dos relatos de seus próprios protagonistas as realidades da cultura e das identificações culturais indígenas atuais para que a imagem indígena mistificada pelos livros desatualizados de história construiu no imaginário dos não indígenas seja atualizada.

2- JUSTIFICATIVA

A proposta do documentário é apresentar a perspectiva dos indígenas da comunidade Santa Isabel sobre as maneiras encontradas por eles para reafirmar e ressignificar sua identidade cultural, mostrando com isso que as influências vindas de fora da aldeia não prejudica a identidade cultural deste povo.

É cada vez mais presente o uso da tecnologia como um instrumento político e de afirmação de identidade. Na realidade das comunidades indígenas há disputas culturais sobre a perspectiva do viver, sobre o estar e sobre o uso da terra. Se essas tecnologias estão sendo utilizadas em disputas simbólicas fora do ambiente indígena, o indígena também pode usar dessa ferramenta para ressignificar a representação que os outros têm desses povos.

Neste caso, a tecnologia é usada como um artefato tecnológico pelos indígenas para reafirmar outra narrativa sobre suas identidades e perspectivas, em meio a disputas pelas narrativas e identidades políticas.

Apresentar esse debate no Amapá é propor uma discussão importante e que já se faz presente em outras comunidades indígenas no Brasil, além disso, o documentário proposto procura conhecer a realidade envolvendo inclusão digital e ressignificação da cultura de um povo.

3- OBJETIVOS

Produzir um documentário que apresente como é a apropriação pelos indígenas dos recursos tecnológicos na formação da identidade e circulação de seus discursos e perspectivas, com a proposta de contribuir com o debate sobre identidades culturais no contexto tecnológico local.

- a) **Objetivo Geral:** Produzir um diálogo, através de um documentário, entre a comunidade indígena da Aldeia Santa Isabel, e a comunidade não indígena, amapaense e brasileira, para demonstrar a modificação natural das culturas indígenas das aldeias do estado. Para esta discursão uso no documentário as falas dos indígenas da Aldeia Santa Isabel, que com base em suas experiências cotidianas falam sobre as dificuldades encontradas por eles ao longo dos anos.

b) Objetivos Específicos:

- Realizar pesquisa bibliográfica envolvendo os temas sobre identidade e cultura indígena;
- Produzir um roteiro e executar reportagem para coleta de dados e informações na aldeia Santa Isabel;
- Estudar os fundamentos da edição e realizar finalização do documentário.
- Editar as entrevistas e mensagens dos indígenas em uma ordem que dê sentido e que cada fala case com a outra, deixando o tema do documentário sempre em evidencia.

4- REFERENCIAL TEÓRICO

Participar da internet, rede global de comunicação, também é a expectativa dos índios. Foi com essa frase que os autores Dominique T. Gallois e Vicent Carelli do iniciaram o texto “Índios Eletrônicos: uma rede indígena” (1998). Segundo estes autores, os índios estão querendo cada vez mais participar deste mundo globalizado, mas não como personagem de uma história cheia de mitos e crenças e sim com suas próprias produções, com seus próprios olhares perante a sua cultura e a cultura mundial.

A abertura de novos espaços na mídia representa, para eles, um duplo desafio: o de viabilizar seu espaço e o de controlar a difusão de suas próprias vozes numa mídia que prefere difundir falar sobre os índios, em detrimento de falar dos índios. O preconceito mais difundido na mídia brasileira é certamente o do "primitivismo" - ou da fragilidade - das culturas indígenas, que justifica "preocupações" paternalistas sobre o seu futuro. (Gallois, Carelli, 1998).

Com a proximidade de algumas aldeias indígenas dos centros urbanos, e com o acesso fácil as ferramentas tecnológicas de comunicação, é fácil entender o porquê de essas ferramentas se tonarem tão interessantes e atrativas para os povos indígenas. Algum tempo atrás, as histórias indígenas sempre foram muito fantasiosas e idealizadas, podia - se observar tal fato nos diálogos com pessoas que não conheciam a fundo tal realidade. Hoje os indígenas podem produzir e construir suas próprias narrativas históricas, afirmando assim sua identidade cultural, e com isso conquistando um espaço significativo no cenário político nacional. Como menciona Castells:

[...] Ao longo da história da humanidade, a etnia sempre foi uma história fundamental de significados e reconhecimento. Trata-se de uma estrutura mais primária de distinção e reconhecimento social, como também de discriminação em muitas sociedades contemporâneas[...] (CASTELLS, 1999, p. 71)

Com o auxílio dos meios tecnológicos, os indígenas podem contar com novas ferramentas de reafirmação e divulgação de sua identidade.

Os processos de globalização econômica e informacional estão reavivando a questão das identidades culturais - étnicas, raciais, locais, regionais - até o ponto de convertê-las em dimensão protagônica de muitos dos mais ferozes e complexos conflitos internacionais dos últimos anos, ao mesmo tempo que essas identidades, mas as de gênero e as de identidade, estão reconfigurando a força e o sentido dos laços sociais, e as possibilidades de convivência no nacional e ainda no local. (BARBEIRO, 2006, p.54)

Essa gama de tecnologias está cada vez mais dentro das aldeias indígenas, modificando assim o cotidiano dos moradores. O celular e a internet são duas tecnologias que foram criadas pelos homens para suprir necessidades existentes em seu cotidiano, essas necessidades não estão restritas apenas as pessoas que vivem em comunidades ou sociedades não-indígenas.

Necessidades como essas estão cada vez mais surgindo para esses povos que em muitos lugares utilizam dessas ferramentas para reafirmarem suas identidades. Pensado sob a ótica do campo da comunicação e cultura, nota-se que a apropriação tecnológica tem um significado importante para pensar as práticas comunicativas no contexto social:

“O campo da comunicação é um espaço de preocupação sobre o desenvolvimento de conhecimento do humano e da sociedade em relação comunicando-se. [...] É a interação entre os sujeitos e entre o sujeito e seu meio que constitui o modo de ser e compreender a sociedade e, portanto, o sujeito”. (RODRIGUES, 2010,p.70).

Junto com o computador, celular e a internet surgiram novas formas de saberes, escritos, orais e visuais. Com esses novos saberes surgiram também novas formas de afirmação da identidade que hoje tem como ferramenta principal a internet. Hoje a internet está na vida do indígena para auxiliar e facilitar o seu contato com o mundo fora das comunidades, além de ser mais uma ferramenta para a reafirmação de sua identidade cultural.

Muitas tribos indígenas estão perdendo parte de sua cultura com o passar dos tempos, segundo o índio Karipuna Jacson da Aldeia Santa Isabel¹. A maioria das “tribos já não está utilizando mais a língua materna, a língua em que seus ancestrais se comunicavam, e sim dialetos trazidos da França” (considerando a realidade fronteiriça do Oiapoque e Guiana Francesa).

¹ Depoimento coletado pela pesquisadora em janeiro de 2014.

Quando o mundo se torna grande demais para ser controlado, os atores sociais passam a ter como objetivo fazê-lo retornar ao tamanho compatível com o que podem conceber. Quando as redes dissolvem o tempo e o espaço as pessoas se agarram ao espaço físico, recorrendo a sua memória histórica. Quando o sustentáculo patriarcal da personalidade desmorona, as pessoas passam a reafirmar o valor transcendental da família e da comunidade como sendo vontade de Deus. (CASTELLS, 1942, p.85)

Com o passar dos anos, mudanças brutais foram acontecendo na aldeia Santa Isabel. Seus moradores começaram a perder características vistas como essenciais para a cultura de um povo. No início a aldeia perdeu a sua língua materna chamada de Patuá. Após a verificação que esta língua havia sido esquecida e que os indígenas não possuíam mais como recuperá-las, alguns integrantes da aldeia começaram um trabalho para buscar uma nova língua para o seu povo.

Durante muitos anos os professores começaram a estudar mais a fundo a cultura da aldeia e a introduzir nas aulas o estudo da nova língua, agora chamada de Kheol, que possui características indígenas e crioulas. Após este momento crítico vivido por estes indígenas, a ressignificação da identidade cultural destes indígenas fixou todos os esforços e energias dos moradores da Aldeia Santa Isabel.

No que diz respeito a atores sociais, entendo por identidade o processo de construção de significado com base em atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados o (s) qual (ais) prevalece (m) sobre outras fontes de significado. Para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas. (CASTELLS, 1942, p. 22).

A pesquisadora Xenya Bucchioni iniciou em 2008 uma incursão na Rede Índios Online, rede esta que tem como finalidade dar voz aos anseios dos índios em forma de blogs feito por eles e para todos. Nessa incursão etnográfica, Xenya observou uma forte presença de elementos relacionados à cultura dessas comunidades:

[...] Nos deparamos com um espaço marcado por um layout repleto de elementos gráficos remetendo ao trançado de cestos de sisal, o menu de canais representado por um bambu e uma seleção de cores, com tons marrons e pastéis, em referência a terra, o que nos ativou determinada ideia de índio, nesse caso específico, àqueles que vivem em aldeias (ao menos em nossa imaginação). Esse primeiro contato foi essencial para despertar curiosidades no modo pelo qual estes índios enxergariam a si próprios, bem como a maneira pela qual os mesmos gostariam de ser vistos[...]. (BUCCHIONI, 2010, p.43)

O projeto chama-se “Vídeos nas Aldeias” criado por Vicent Crelli, antropólogo francês, e tem como objetivo apoiar as lutas dos povos indígenas para fortalecer as suas identidades e seus patrimônios territoriais e culturais por meio de recursos audiovisuais.

Ao fazer essa incursão indígena no espaço dos blogs, a pesquisadora percebeu que esses índios estavam falando de assuntos que não estavam sendo pautados pela mídia tradicional, mostrando assim que o índio ainda não possuía espaço nos meios de comunicação tradicional. Esta falta de espaço nos meios de comunicação fez com que eles se apropriassem dos blogs para que possam ser vistos e para pautar as suas temáticas e assim começar discussões sobre assuntos que para eles são relevantes:

[...] Nossos estudos nos levam a entender que a participação indígena na dinâmica do blogging está amparada na busca pela visibilidade indígena, entendida em sua relação à existência e às noções de protagonismo indígena. Assim, a apropriação das chamadas tecnologias de comunicação ocorre mediante a lógica do mostrar-se como forma de entrar em cena, de tornar visível aquilo que a mídia tradicional omite. O uso de celulares para a produção de fotos e vídeos, nesse sentido, calca-se numa atitude exógena frente às possibilidades abertas por tais tecnologias em aproximar o indivíduo do Mundo[...]. (BUCCHIONI, 2010, p.100)

Projetos como “Vídeos nas aldeias” (1987) e “Redes Índios Online” (2004) mostram que os índios procuram uma forma para serem ouvidos, de estar em contato com a sociedade não indígena, além de mostrarem que eles já usam dessas ferramentas digitais para participar e discutir suas experiências e práticas culturais.

É nesse contexto que buscamos identificar a experiência dos indígenas da aldeia Santa Isabel, situada no município do Oiapoque, com as tecnologias como instrumento de afirmação de sua identidade cultural. O caminho que exploro no documentário tem como foco principal a vivência que os indígenas da aldeia Santa Isabel têm com a sua cultura, para afirmar sua identidade indígena, colhendo entrevistas representativas sobre a experiências envolvendo o dia a dia, os costumes e tradições no contexto da aldeia. Portanto, utilizamos do audiovisual como técnica e língua para construção dessa narrativa documental.

O documentário busca mostrar um fato, uma realidade que precisa ser evidenciada, sendo imparcial, estando ali apenas para documentar uma realidade, mostrando como os indígenas, mesmo com todas as modificações atingidas a aldeia Santa Isabel, não deixaram sua cultura, sua identidade indígena se perder, a partir de relatos dos próprios moradores daquelas terras e viventes dos costumes.

5- METODOLOGIA

Para a produção de um documentário precisamos escolher qual o tipo de documentário será usado na estruturação do produto. De acordo com Bill Nichols existem seis subgêneros de documentários, cada um com características muito distintas: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático.

Ainda segundo Nichols (2012, p. 136) “A identificação de um filme com um certo modo não precisa ser total. Um documentário reflexivo pode conter porções bem grande de tomadas observativas ou participativas”. Ou seja, a classificação ou identificação de um gênero documentário não precisa ser absoluta e nem total cabendo a mistura de dois ou mais subgêneros em um mesmo filme.

Este documentário possui características mistas, ora expositivas, visto que este subgênero é caracterizado por possuir fragmentos do mundo histórico agrupados em uma estrutura mais retórica ou argumentativa, o modo expositivo dirige-se ao expectador diretamente, com legendas ou vozes que propõem uma perspectiva, expõem um argumento ou recontam uma história.

Outra característica importante do gênero expositivo é a dependência de uma forma informativa transmitida verbalmente, neste gênero as imagens desempenham um papel secundário, ilustrando, esclarecendo evocando ou contrapondo o que é dito.

O documentário expositivo facilita a generalização e argumentação abrangente. As imagens sustentam as afirmações básicas de um argumento geral em vez de construir uma ideia nítida das particularidades de um determinado canto do mundo... [...] O documentário expositivo é o modo ideal para transmitir informações ou mobilizar apoio dentro de uma estrutura preexistente ao filme. Neste caso o filme aumenta nossa reserva de conhecimento, mas não desafia ou subverte as categorias que organizam esse conhecimento (NICHOLS, 2012, p. 144).

Ora o documentário apresenta características do gênero participativo visto que para a filmagem e construção desta história foi preciso a imersão no ambiente indígena, foi precisa a participação e observação do modo de vida, da cultura e da estrutura daquela comunidade.

Segundo Bill Nichols o gênero participativo “o pesquisador vai para campo, participa da vida de outras pessoas, habitua-se, corporal ou visceralmente a forma de viver em um determinado contexto e então reflete sobre a sua experiência”.

Seguindo esta linha de raciocínio foi o que fiz, segui para a aldeia Santa Isabel, lá passei uma semana, neste período conversei com os moradores, convivi e conheci suas vivências para em seguida organizar as informações e realizar a gravação.

Quando assistimos a um documentário participativo esperamos testemunhar o mundo histórico da maneira pela qual ele é representado por alguém que nele se engaja ativamente e não por alguém que observa discretamente, reconfigura poeticamente ou monta argumentativamente esse mundo (NICHOLS, 2012, p. 154).

Este documentário possui características ou subgêneros diferentes que juntos se complementam e juntos criam uma linguagem mais completa para contar uma história de busca, de reafirmação de identidade contada a partir do olhar e das palavras dos protagonistas.

5.1 PRÉ-PRODUÇÃO

Para iniciar a produção do documentário o primeiro passo foi decidir qual seria o tipo de produto produzido. Optamos por um documentário: segundo Fernão Ramos (2008), “documentário é uma narrativa com imagens – câmera, que busca mostrar histórias reais do mundo que vivemos”. Suas características factuais e expositivas são as que mais se identificam com a maneira que escolhemos para contar e mostrar esta história. Comecei a conversar com os personagens para decidir qual tema abordar e qual seria a melhor maneira para ser abordada.

Como estou trabalhando com uma comunidade mais fechada e distante da capital, precisei solicitar autorizações para a entrada na aldeia junto a FUNAI (Fundação Nacional do Índio).

Depois de apresentar o trabalho, concordar com as regras para acesso, e esperar pacientemente a avaliação da autorização, que demorou cerca de quatro meses, eu obtive a tão esperada liberação de acesso. Neste momento a produção do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) só poderia ser feito individualmente.

5.2 PRODUÇÃO

Para a produção recebi alguma ajuda, com a gravação, a locomoção e para encontrar as pessoas chaves que são os personagens. Em cada fase da produção as dificuldades que mais foram perceptíveis foram a questão da distância, visto que o município do Oiapoque fica distante a 591 Km de Macapá, e o difícil acesso a aldeia, recursos pessoais e financeiros, além da desconfiança dos indígenas com a minha chegada na aldeia.

Aos poucos estas dificuldades foram sanadas, contei com o auxílio do amigo Josué Martins para realizar as gravações. Alguns indígenas: Sarah Jane, Cacique Ramon, Rodonin, Jacson, me ajudaram com o primeiro contato com a tribo, e minha família e amigos me deram o suporte necessário para a locomoção.

Para a escolha dos personagens levei em consideração a história de cada um dentro da aldeia. Selecionei três idosos que estavam presentes na criação da aldeia: a memória destas pessoas são peças essenciais para a reafirmação desta cultura para os indígenas.

Os personagens foram:

O pajé da tribo, seu Janjã, uma das pessoas mais respeitadas na tribo por sua história. Na época das gravações seu Janjã estava com 89 anos e disse que ainda não tinha morrido porque estava me esperando para me ajudar com este trabalho. Ano passado, 2017, ele faleceu.

Dona Maria Alexandrina, carinhosamente conhecida como dona Chandoca, parteira e filha do fundador da aldeia. Em sua fala ela explica a história da criação da aldeia, curiosidades, e falou também sobre o seu papel na comunidade, como mulher, idosa, parteira e artesã.

Seu José é um senhor também muito conhecido e respeitado por seus companheiros, pois carrega em sua memória a história da caminhada histórica da aldeia. Ele falou sobre as características dos indígenas no início e o que mudou até os dias atuais.

Falei com o cacique, seu Ramos, conhecido por todos por Ramon, pessoa muito respeitada por todos, filho de dona Chandoca e neto do fundador da tribo. Ele falou através de sua visão de líder da aldeia sobre a importância da cultura para um povo.

Dona Bernadete é uma mulher muito influente e participativa dentro da aldeia. Sempre está presente em momentos importantes e nas lutas para melhoria da vida dos indígenas. Ela é mãe, esposa, chefe de família, após o falecimento de seu esposo, e artesã.

No ambiente escolar (Escola Estadual Manoel Primo dos Santos) escolhi falar com o diretor Walter, filho de dona Chandoca, que iniciou sua carreira escolar na aldeia sendo um dos primeiros professores indígenas formado pela Universidade Federal do Amapá, no

campus Oiapoque, e lutou junto a Secretaria da educação para que os indígenas pudessem ter em sua grade curricular um ensino mais voltado para a sua realidade.

O professor Alberto Nilo, mestre muito querido pelos alunos e colegas, foi um dos pioneiros no ensino da língua materna na sala de aula. Ele trabalha, além da linguagem, a história de sua aldeia e de seu povo.

Professora Ilma, formada em Artes, não indígena mora na aldeia e leciona há mais de 15 anos. Em sua entrevista fala sobre o papel da escola na reafirmação da cultura para os mais novos.

Para representar os mais novos falei com duas jovens:

Letícia, jovem de 20 anos, começou a sua trajetória escolar na aldeia até o término do ensino médio e, assim como todos os outros jovens, teve que sair para buscar a sua formação superior. Além disto, Letícia tem como principal papel em sua aldeia ser a representante da nova geração na área dos artesanatos.

Sara Jane, que hoje tem 28 anos, é mãe e esposa, e muito atuante nas lutas pelos direitos indígenas. Hoje trabalha como professora na aldeia e é formada pela Universidade Federal do Amapá, pelo campus Oiapoque. Formou-se no Curso Intercultural Indígena.

Letícia, em sua entrevista no documentário, falou sobre a cultura do artesanato local. Sara falou sobre a educação e o que é preciso fazer na escola para que o aluno tenha mais interesse na sua cultura.

5.3. EDIÇÃO

Na edição, contei com a ajuda de duas pessoas, Maycke Tavares, que me auxiliou com o início das edições e para concluir Wanderson Viana foi o editor que finalizou o projeto. Esta etapa foi a mais demorada e a que eu mais precisei de auxílio. Assim que montamos o roteiro que seria seguido, e que as ideias foram colocadas em práticas, a edição foi concluída com sucesso.

Na trilha sonora e sonoplastia optamos por evidenciar os ruídos da aldeia. A grande maioria das entrevistas foi feita com muita chuva, e o barulho da água caindo sobre o teto das casas muitas vezes é perceptível. Ruídos com pássaros cantando, e barulho da água do rio também foram incluídos no documentário. Para a trilha sonora optamos por colocar a Canção Indígena, na voz da dona Chandoca, música característica e muito utilizada pelos indígenas em suas manifestações culturais. Esta música traz para o documentário mais uma forma de reafirmação da cultura e identidade da aldeia

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após conviver, e ouvir os relatos dos personagens deste documentário, podemos observar quão equivocada são os julgamentos dos não indígenas, mostrando assim a importância do debate sobre o assunto.

Percebe-se que apesar de algumas mudanças na cultura indígena, mudanças essas que começaram ainda no descobrimento do Brasil, e que ao longo dos anos só se intensificaram, os indígenas daquela comunidade vêm lutando e batalhando para que a essência da sua cultura permaneça sempre.

O documentário mostra que a mudança na cultura de um povo é uma ação natural com o passar do tempo. Na Aldeia Santa Isabel, os indígenas estão a cada dia que passa se empenhando para ressignificar, ressaltar e reestruturar a identidade cultural de seus habitantes.

Podemos observar que cada cultura tem suas peculiaridades e destaques, não podemos julgá-las, não podemos criticá-las, não podemos menosprezá-las pelo simples fato de que não temos o poder da verdade, ou o poder de para julgar os outros.

Aprendemos que o segredo para se entender uma nova cultura é simplesmente se deixar envolver, sem pré-conceitos, sem pré-julgamentos, sem criticar, somente aceitar e conviver com respeito e amor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUCCHIONI, Xenya de Aguiar. **Blog Diários: reflexões sobre a identidade indígena na virtualidade**. Bauru, 2010. Universidade Estadual Paulista.
- CASTELLS, Manoel, 1942. **O poder da Identidade, tradução: Klauss Brandini Gerhardt** - São Paulo, Paz e Terra, 1999 (A era da Informação: economia Sociedade e cultura: v.2)
- COMPARATO, Luiz Felipe Loureiro. **Da criação ao roteiro**. Rio de Janeiro, 2000. Editora Rocco.
- COSTA, Alda Cristina. **A comunidade indígena e o mundo tecnológico: reflexões sobre os impactos das mídias sociais na vida dos Aikewára**. 3º Simpósio hipertexto e tecnologias na comunicação: redes sociais e aprendizagens. Universidade Federal de Pernambuco, 2010/2011.
- GALLOIS, Dominique & CARELLI Vicent. **"Índios eletrônicos": a rede indígena de comunicação**. Sexta Feira. Antropologia, artes humanidades 2. São Paulo: Pletora, 1998
- HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais**; organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende ... [et al].410 p. (humanitas).
- LAGE, Nilson. **A Reportagem: Teoria e técnica de pesquisa e entrevista jornalística**. Rio de Janeiro. Record, 2011
- MARTÍN Barbeiro, Jesús. **Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século**. In: MORAES, D. Sociedade midiaticizada. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006, p.51-79
- MELO, Cristina, GOMES, Isaltina e MORAIS, Wilma. **O Documentário Jornalístico, Gênero essencialmente autoral**. In: INTERCOM - XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação – Campo Grande /MS – setembro 2001.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário/Bill Nichols**; Trad. Mônica Saddy Martins. – 5ª ed. – Campinas, SP: Papirus, 2012. – (Coleção Campo Imagético).
- RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... O que é mesmo documentário?** São Paulo: Editora SENAC, 2008.
- RODRIGUES, Lylian. **Cultura como um campo de conflito**. In: Revista ALAIC, n.11 v.6 pp. 64-73, 2010.
- TEIXEIRA, Francisco Elinaldo (org.). **Documentário no Brasil: tradição e transformação**. São Paulo. Summus Editorial, 2004.

FILMOGRAFIA E VIDEOGRAFIA

YouTube. Das crianças Ikpeng para o mundo. Vídeo (35min23s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=28r1cj0xwEs>. Acesso em 15 de novembro 2014

YouTube. Nós e a cidade. Vídeo (5min40s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o3VljE4NJcY&list=PL540BF237A13EA31B>. Acesso em 15 de novembro 2014.

YouTube. Os Kuikuro se apresentam. Vídeo (7min07s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RsymYzBdck8>. Acesso em 15 de novembro 2014.

YouTube. Academia Kuikuro / Kuikuro Gymnasium. Vídeo (4min51s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iz1JM45ZZ-w&list=PL540BF237A13EA31B>. Acesso em 15 de novembro de 2014.

ANEXOS

1 - ROTEIRO PARA ENTREVISTAS:

1.1 - João Martins (Seu Jãnjã):

Falar em Patuá sobre as mudanças que aconteceram na aldeia e que ele acompanhou.

Falar sobre as profissões que ele já exerceu.

Contar sobre a pajelança, experiência, dificuldades, alegrias (momentos).

1.2- Maria Alexandrina dos Santos (Chandoca):

Falar sobre a fundação da aldeia Santa Isabel.

Falar sobre o papel dela na aldeia (experiência parteira).

Porque o povo Karipuna esqueceu a Língua Karipuna (como aconteceu isso).

Qual a sua preocupação com a Língua Kheuol (Pátua).

1.3- Sara Jane Silva:

Falar um pouco em Patuá (saudação).

Explicar como ela aprendeu a língua.

Falar da formação dela (dificuldade enfrentadas e alegrias).

1.4- Rodoni dos Santos (Txiho)

Falar dos costumes da aldeia.

Falar sobre o papel do homem.

Falar sobre a importância do Patuá.

1.5- Ilma, professora de língua da escola:

Falar sobre o ensino da língua materna.

Falar das dificuldades que ela observa nos alunos.

1.6- Alberto Nilo

Falar sobre as dificuldades em resgatar os costumes com as novas gerações.

Falar sobre as técnicas usadas na sala de aula.

Explicar a importância do seu papel dentro da aldeia.

1.7- Walter Santos

Falar sobre as dificuldades encontradas no início para a implantação da escola na aldeia.

Falar sobre o plano pedagógico diferenciado, de acordo com a realidade dos indígenas.

Falar sobre a importância da cultura.

2- ROTEIRO PARA EDIÇÃO:

VIDEO	AUDIO
Imagens do caminho feito da Aldeia do Manga até a Aldeia Santa Isabel/ imagem dos indígenas na roça//	A abertura do documentário inicia com música indígena tradicional cantada por dona Maria Alexandrina em Kreoul, língua dos indígenas da Aldeia Santa Isabel//
No final do documentário aparece os créditos do documentário//	Esta mesma música servirá como trilha de fundo para o início e para o final do documentário//
Maria Alexandrina, fala sobre o início/ a criação da aldeia por seu marido//	Entrevista dona Maria Alexandrina: Deixa inicial - 0'32'' – Saltou aqui na ilha/ olhou/ disse: - Aqui dá pra mim criar umas quantas cabeças de gado... Deixa final - 4'40'' – Foi nascendo as crianças/ não morreu mais/ graças a Deus! (Risos)
Logo após seu José fala sobre os primeiros indígenas e suas diferenças//	Entrevista seu José: Deixa inicial - 4'41'' – De primeiro era só índio/ era só Karipuna/ não tinha civilizado... Deixa final 6'27'' – Quando secar/ a gente vai queimar um bocado/ mas não é só uma pessoa/ dois/ três/ pessoas/ um ajuda o outro//
Depois vem a entrevista do Cacique Ramom sobre a importância da cultura para os indígenas e as figuras mais importante na aldeia//	Entrevista Cacique Ramos dos Santos: Deixa inicial 6'28'' – Eu sou o popular Ramon/ Ramos dos Santos/ cacique dessa aldeia... Deixa final 8'11'' – praticamente 20% dos Karipunas daqui passaram pelas mãos das parteiras tradicionais//

<p>Professor Alberto Nilo fala sobre o ensino da cultura na sala de aula//</p>	<p>Entrevista Professor Alberto Nilo: Deixa inicial 8'14 – Ah 20 anos atrás/ pelo que me lembrava era totalmente diferente do que é hoje/ mudou bastante/ a juventude veio mudando bastante...</p> <p>Deixa final 9'57'' – A escola que já veio já/ ajudar bastante neste trabalho do resgate cultural//</p>
<p>Transição de imagens para falar sobre os costumes//</p>	<p>Continuação da música indígena cantada por dona Alexandrina.</p>
<p>Dona Bernadete dos Santos falará sobre o artesanato//</p>	<p>Entrevista dona Bernadete:</p> <p>Deixa inicial 10'06''- Eu trabalho com artesanato/ eu aprendi desde criança...</p> <p>Deixa final 11'28'' – Assim eu fui incentivando as minhas filhas/ a fazer para vender e assim elas terem dinheiro para comprar as coisinhas delas que elas precisam</p>
<p>Letícia dos Santos fala sobre o artesanato para os jovens//</p>	<p>Entrevista Letícia:</p> <p>Deixa inicial 11'29'' – Bom eu vou falar um pouco dos artesanatos que a gente faz...</p> <p>Deixa final 12'26'' – com o tempo eu fui pegando as coisas assim meio que escondido/ fazendo/ como toda criança/ vai vendo e mexe/ até que eu conseguir fazer//</p>
<p>Dona Bernadete dos Santos falará sobre o ensinamento do artesanato na escola//</p>	<p>Entrevista dona Bernadete:</p> <p>Deixa inicial 12'27'' – A uns anos atrás/ uns três/ quatro anos/ era pouquinha pessoa que trabalhava com isso/ mas hoje...</p> <p>Deixa final 12' 41'' – Eu inclusive/ já vou para lá ensinar os jovens as crianças a está</p>

	continuando né//
Letícia fala sobre a semana cultural que acontece na Escola Estadual Manoel Primo dos Santos todos os anos//	Entrevista Letícia Santos: Deixa inicial 12'44'' – eu aprendi mais foi quando teve a feira cultural... Deixa final 13'29'' – A gente tá deixando isso/ muitas coisas a gente já perdeu/ não pode ser resgatado mais/ mas enquanto a gente puder tá resgatando/ quanto mais a gente resgatar eu acho melhor//
Dona Bernadete fala sobre cultura e identidade cultural/ para os mais jovens em sua língua materna//	Entrevista dona Bernadete: Deixa inicial: 13'32'' – Eu quero pedir para os jovens/ rapazes/ moças/ crianças que estão estudando... Deixa final: 14' 36'' – Nós temos a oportunidade de ser alguém um dia/ para não deixarmos eles saberem mais do que nós/ pois nós somos índios/ mas temos que aprendermos também//
Transição de imagens para falar sobre os Educação Escolar//	Continuação da música indígena cantada por dona Alexandrina.
Entrevista com o professor Valter/ diretor da escola Manoel Primo dos Santos/ sobre a implantação da escola na aldeia//	Entrevista do Sr. Walter: Deixa inicial: 14'45'' – A escola foi implantada aqui na região do baixo Curipí/ nessa região Santa Isabel/ Espírito Santo/ Açaizal/ na década de 30 pelo SPI... Deixa Final: 16'21'' – O PPP que nós temos nas comunidades indígenas hoje/ foram elaborados por pedagogos não indígenas/ é muito parecido com o da cidade e muitas das vezes não atende a necessidade/ não respeita o modo de vida

	<p>das comunidades ... então a gente tá com essa luta solicitando da secretaria de educação/ reivindicando que eles respeitem essa nossa diferença//</p>
<p>Sara Jane fala sobre a sua escolarização na aldeia/ as dificuldades/ os obstáculos percorridos para finalizar a sua formação//</p>	<p>Entrevista Sara:</p> <p>Deixa inicial: 16'26'' - Eu estudei desde a pré-escola até a quarta série/ aqui na aldeia Santa Isabel...</p> <p>Deixa Final: 17'50'' – Aí eu entrei no curso de Intercultural Indígena/ para formar professores para trabalhar em área indígena//</p>
<p>Alberto Nilo fala sobre as dificuldades encontrada pelos professores/ com a resistência de algumas famílias/ com o ensino cultural na escola//</p>	<p>Entrevista Professor Alberto Nilo: Deixa inicial: 17'52'' A dificuldade é bastante na sala de aula/ porque tem aluno/ próprio indígenas que não quer aprender a língua dele...</p> <p>Deixa Final: 20'46'' – Prefere as coisas que vem lá de fora/ a bebida que vem lá de fora / então essas são as dificuldades daqui nossa como professor/ na sala de aula// A gente as vezes é muito criticado por certos pais na sala de aula//</p>
<p>Alberto Nilo fala sobre cultura e a importância da preservação da cultura para a identidade indígenas/ para os mais jovens em sua língua materna//</p>	<p>Entrevista professor Alberto Nilo: Deixa inicial: 20'52'' – Para os Jovens respeitar a nossa cultura e tradição/ desde as crianças até os adultos...</p> <p>Deixa inicial: 21'56'' – Que faz parte da nossa cultura/ nós temos que respeitar/ hoje nós estamos aqui e não estamos para virar pedra e por isso temos que respeitar!</p>
<p>Transição de imagens para falar sobre os</p>	<p>Continuação da música indígena cantada</p>

Língua Tradicional//	por dona Alexandrina.
Dona Bernadete fala como aprendeu a falar o Patuá/ língua materna/ e atualmente utilizada pelos indígenas da Aldeia//	Entrevista dona Bernadete: Deixa Inicial: 22'07'' – O Patuá eu falava desde criança / porque os meus pais faziam tratamento... Deixa Inicial: 24'06'' – Eu acho tão bonito alguém chegar e ver a gente falando a nossa língua/ né/ então eu acho isso importante//
Dona Bernadete Canta uma canção de Ninar/ tradicionalmente cantada para as crianças por seus pais na língua materna dos indígenas/ Patuá//	Cantiga de Ninar em Patuá Deixa Inicial: 24'10'' Deixa Inicial: 24'48''
Entrevista Seu João Martins/ Pajé da aldeia/ sobre a língua Karipuna/ que se perdeu/ e sobre a importância da manutenção das tradições// No final cantou música da pajelança//	Mensagem do seu João Martins Deixa Inicial: 24'51'' – A língua Karipuna se perdeu devido que as pessoas não se interessaram em falar! ... Deixa Final: 26'11'' – O Pajé não pode ficar sem cantar/ não pode ficar sem se comunicar/ com os seres sobrenaturais//
Mensagem dona Alexandrina/ parteira/ e filha do fundador da aldeia// Ela fala em Patuá da importância do respeito a todos os moradores da aldeia por seus semelhantes//	Mensagem Alexandrina Deixa Inicial: 26'11'' – Para os rapazes aprenderem a respeitar/ pois nós estamos no mês da semana santa... Deixa Final: 27'29'' – Então eu queria que os jovens conservassem e respeitassem uma data dessa/ respeitassem os mais velhos/ respeitassem as crianças/ os professores e as pessoas de fora antigamente era assim que a gente fazia//
Letícia fala em sua mensagem para os mais jovens/ sobre a importância da conservação da cultura de seu povo//	Mensagem Letícia Deixa Inicial: 27'31'' – Nós jovens e crianças de hoje/ não devemos esquecer a

	<p>nossa cultura...</p> <p>Deixa Final: 28'21'' – Pois não adianta a gente querer e não ter quem ensine//</p>
<p>Sara Jane fala sobre a língua e como aprendeu o Patuá// Sobre as cobranças da sociedade não indígenas para com os indígenas//</p>	<p>Entrevista Sara Jane:</p> <p>Deixa Inicial: 28'21'' – Eu aprendi a Patuá quando a tia da minha mãe veio lá de Kumarumã...</p> <p>Deixa Final: 30'14'' – Se tu sabe falar a tua língua tu é um índio/ se tu não sabe tu não é/ mesmo se tu é indígena no sangue tu não é porque tu não sabe falar tua língua// Para eles o índio de verdade fala a língua//</p>
<p>Sara Jane deixa uma mensagem para as novas gerações/ sobre a importância de o indígena ter orgulho de suas tradições/ de seus costumes//</p>	<p>Mensagem Sara Jane</p> <p>Deixa Inicial: 30'15'' – Que as pessoas dessa comunidade/ principalmente os jovens/ que eles não tenham vergonha em dizer que são indígenas...</p> <p>Deixa Final: 31'13'' – Que não esqueçam dos costumes dos nossos antepassados/ pois nós vamos continuar o legado da nossa cultura//</p>
<p>Transição de imagens para falar sobre os Turé//</p>	<p>Continuação da música indígena cantada por dona Alexandrina.</p>
<p>Entrevista dona Ilma/ sobre o Turé/ dança tradicional indígena//</p>	<p>Entrevista dona Ilma:</p> <p>Deixa Inicial: 31'26'' – O Turé é a dança típica dos indígenas...</p> <p>Deixa Final: 31'34'' – Cada qual tem as suas crenças//</p>
<p>Entrevista seu José sobre o Turé, como é feito, o que significa, suas</p>	<p>Entrevistas seu José:</p> <p>Deixa Inicial: 31'35''- Esse sinal que a</p>

peculiaridades//	<p>gente faz/ dança de índio é Turé...</p> <p>Deixa Final: 32'00'' – Alacú/ Pirôrô/ o pauzinho aonde vai enfeitar a sala/ mas é fora não é dentro da casa//</p>
Entrevista dona Ilma sobre o Turé, dança tradicional indígena//	<p>Entrevistas dona Ilma:</p> <p>Deixa Inicial: 32'01'' – Para agradecer/ pela plantação/ pela colheita...</p> <p>Deixa Final: 32'37'' – Progrediu/ deu bastante mandioca/ as coisas que eles plantam/ as raízes/ as coisas que eles plantam para a manutenção da vida cotidiana</p>
Entrevista dona Bernadete sobre o Turé//	<p>Entrevista dona Bernadete:</p> <p>Deixa Inicial: 32'37'' – Agradecer os espíritos que fizeram o tratamento da pessoa doente os remédios...</p> <p>Deixa Final: 33'09'' – Agradecer e para nós é importante porque faz parte da nossa cultura//</p>

3- TRANSCRIÇÃO DO DOCUMENTÁRIO:

Início do documentário com uma cantiga tradicional, em Patuá, cantada por dona Maria Alexandrina...

Entrevista dona Maria Alexandrina, sobre a criação da aldeia

- Saltou aqui na ilha olhou e disse: - Dá pra mim criar umas quantas cabeças de gado, aí ele veio, roçou assim, na beira assim, e disse assim, vou roçar logo um local onde dê pra mim fazer uma casinha pra mim ter, uma bandolina que chamavam dante. Aí ele veio começou a roçar, convidou o pessoal, ajudaram ele, roçaram, aí primeiro ele fez o local da casinha dele, fez o local da casa dele, fez a casa né, de palha, de primeiro era palha de inajá, fez a casa dele, cercou toda todo de palha, açoalhou com coisas de açai né, tirava aquelas coisas de açai para acoolhar a casa, aí ele fez a casinha dele, aí ele veio morar pra cá.

Aí ele disse para tia dele: - Bom dia, agora que eu tenho a minha casinha eu vou levar a Deufina para lá pra nós morar tá.

Aí ela disse: - Tá então!

Aí eles vieram aí para casa deles, começou a roçar, convidava duas pessoas, ajudava um ao outro, aí eles iam ajudando ele. A velha saia pescava, pegava muito peixe aí na beira...

Segundo fade:

Aí ela ficou gestante, ela disse: - Agora sim, agora eu estou gestante, como é que a gente fica.

Ele disse assim: - Não tem problema, deixa, aí quando nasceu a criança, nasceu uma criança muito bonita,

Ela disse: - Poxa vida, a gente não tem condições de comprar leite, não tem condições de comprar nada, ela disse que as vezes eles comiam até insosso, não tinha sal, só temperava o molhozim, amassava pimenta, colocava o molho, a comida mesmo cozinhava insosso. Aí ele disse: - poxa vida, eu vou fazer um contrato com Deus, que Deus só me dê filho, quando eu puder criar, puder sustentar meus filhos, porque eu não quero filho passando necessidade, passando miséria não. Eu já sofri muito quando eu era criança, então eu não quero ver meus filhos sofrendo assim... Oh Deus, o senhor só deixe filho pra mim quando eu tiver condições de sustentar, aí eu vou agradecer a Deus, aí deus vai deixar meus filhos para mim criar, aí a velha foi tendo bebê, foi parindo, parindo, parindo, morria as crianças, morria as crianças, até que ela disse que que ela não queria mais filho, ela ia tomar remédio, porque naquele tempo elas tomavam remédio. Ele disse: - Não, não tome remédio, um dia Deus vais nos ajudar pra nós criar nossos filhos.

Segundo fade:

Passou-se, passou-se, passou-se, até que um dia ele já tinha alguma coisa, ele vendia farinha, ele fez um batelão o pessoal ajudaram ele, já começava a vender farinha, levar para o Oiapoque, esse tempo tinha uma casa chamada, lá em baixo, chamado de Casa do Abreu lá em baixo, compravam muito... aí ele disse assim: - Bom agora eu vou falar com Deus, Deus vai atender o meu pedido, aí ele disse, oh meu senhor Jesus, agora, (a velha estava barriguda) agora pode deixar os meus filhos, que agora eu tenho condições de criar, quantos filhos se mandar pra mim eu tenho condições de criar. Então ela teve essa criança, a primeira filha dela, chamada Isabel, aí já estava aberto esse lugar grande, aí ele falou eu vou botou o nome do meu lugar, aldeia Santa Isabel, o nome da minha filha, e eu vou comprar a primeira imagem Santa Isabel, aí ele comprou a primeira imagem e deixou essa primeira filha, aí foram nascendo as crianças, não morreu mais, graças a Deus!

2ª entrevista: Seu José, explicando como era a vida na aldeia no início:

De primeiro era só índio, era só Karipuna, não tinha civilizado aqui na área indígena, aldeia Santa Isabel, Curipí, e passaram, os índios estão trabalhando, estão vivendo, era só índio mesmo, aqui nesse rio. Na beira desse rio, de primeiro era só índio morando aí na beira, índio não tinha luxo não.

Fade: Tradição

Aqui não tinha o negócio da cachaça, era só Caxixi, fazendo trabalho, um ajuda, faz, pega Caxixi, vamos beber, vamos beber, são índios, mas sabiam fazer as coisas, não tem máquina. Eles fazem o Caxixi, em um pote grande, para coar, pra fazer a água, parece uma bacia, com que eles fazem, com barro da beira do rio, esta vendo como é o índio da antiguidade, ele sabia fazer, viver, tirava um pau, tem muito pau aí na beira do mato, tem muito pau aí. A gente tira a casca do pau, a gente tira bem, deixa secar, quando secar um bocado, mas não é só uma pessoa, é uma, duas, três pessoas uma ajuda o outro.

3ª Entrevista: Seu Ramon fala sobre as tradições e a cultura da aldeia

Eu sou o popular Ramon, Ramos dos Santos, cacique desta aldeia, eu assumi desde do falecimento do meu pai, que era uma grande liderança dos povos indígenas do Oiapoque no contexto geral, ele sempre foi conhecido como grande cacique, grande liderança, e assumi após o falecimento dele, como liderança desta comunidade.

A cultura sempre foi forte, a cultura sempre foi forte, quando se fala em cultura, se fala em nosso pajé e Santa Isabel, aqui a aldeia Santa Isabel foi a única aldeia muito privilegiada que cada um ano nasce um pajé, e pra gente quando se fala em nossa cultura se fala em nosso pajé, tenho um maior respeito pelo nosso pajé que é o seu Jãnjã, a segunda pessoa mais importante da comunidade, é o pajé. A figura da parteira, é uma coisa muito importante para gente daqui de Santa Isabel, e Santa Isabel, foi sempre muito privilegiada de ter sempre aquela parteira tradicional. Hoje nós perdemos uma grande parteira nossa que era a tia Durica, que era pessoa que Deus deu aquele dom para ela de ser aquela pessoa que praticamente os Karipunas aqui, é 20% dos Karipunas passaram pelas mãos das parteiras nossas tradicionais.

4ª entrevista Professor Alberto Nilo:

Ah 20 anos atrás, tempo que me lembrava, era totalmente diferente do que é hoje, então hoje mudou bastante, a juventude veio mudando bastante, desde a alimentação até os costumes. Quando eu me entendi, eu via como era, a convivência daqui, não tinha quase movimento, a gente respeitava os cultura, a nossa alimentação era baseada mais forte na alimentação da região, nós tínhamos as nossos remédios tradicionais, tinham nossas benzedadeiras que a gente acreditava muito, até hoje eu acredito, então esses, com a evolução, principalmente com a entrada de aparelhos de televisão, celulares, aí as coisas foram esquecendo, principalmente pelos nossos jovens. Eu como professor, sempre leciono, buscando o passando, mostrando o passado e fazendo comparação com o futuro, sempre dizendo para os nossos jovens não perderem nossos costumes, porque se sabe que um povo, ele perde a cultura, então não quero que venha acontecer isso, então eu tenho muito orgulho do trabalho que faço com os indígenas, mas se sabe que hoje a nossa juventude, tá deixando muito pra traz o costume como era. Tem gente que já não sabe nem tirar uma tala para fazer alguns artesanatos, a escola que já veio já, ajudar, ajudar bastante nesse trabalho de resgate cultural.

Fade Artesanato:

5ª entrevista dona Bernadete, sobre artesanato:

Eu trabalho com artesanato, eu aprendi desde criança, eu aprendi de curiosa, eu fui juntando semente, semente assim, e fui crescendo com isso, porque na época não tinha como agora televisão, aí a gente era assim, aí quando eu comecei a estudar, eu ficava em casa, não tinha muita coisa pra mim fazer, comecei a enfiar, miçanga era mais difícil, aí a gente só trabalhava assim com sementes das árvores, a gente ia juntando e ia fazendo, e é só para o uso, não tinha venda. Aí vinha algumas pessoas de fora, para visitar a aldeia aí achavam bonitos e

compravam. Aí pronto foi assim que eu trabalhei e depois eu cresci estudei um pouquinho até a terceira série, e depois não era como agora, não tinha mais, tinha que ir para a cidade e eu não tinha condição, meus pais. Para mim eu acho que isso é importante, pra mim fazer, pra mim vender, pra mim comprar as minhas coisas que eu quero, então assim eu fui incentivando as minhas filhas a fazer, pra eles fazer pra vender pra eles terem dinheiro para elas comprarem as coisinhas delas que elas precisam.

6ª entrevista: Letícia, falando sobre o artesanato para os adolescentes:

Bom eu vou falar um pouco dos artesanatos que a gente faz, pra mim é muito importante, devido que é da nossa cultura, como você pode ver, já tem diferenças, antes a gente fazia muito de semente, só que agora já mudou, o artesanato em si é o mesmo só muda o material, já entra a miçanga que a gente compra na cidade, a linha também muda, tem vários outros, como coração e escrito. Eu aprendi de curiosa, foi vendo assim de curiosa, minha mãe também tece e faz produz, e eu vendo aquilo eu queria tinha vontade de fazer, só que aí como era muito criança era difícil de fazer pegar pra fazer, aí com o tempo eu fui pegando assim meio escondido e fui fazendo, como toda criança mexe, aí eu fui aprendendo a fazer.

Fade entrevista dona Bernadete parte II

Ah uns anos atrás, três, quatro anos era pouquinho pessoas que trabalhava com isso, mas hoje não, já está na escola, a gente já tem semana cultural já vai trabalhar, eu inclusive já vou para lá ensinar os jovens, as crianças para estar continuando né.

Fade entrevista Letícia parte II

Quando eu aprendi mais, foi quando teve a Semana Cultural que é uma semana antes do dia 12 de outubro, e os professores e os mais velhos, vão para lá, para ensinar os jovens, as crianças e os adultos e o pessoal da comunidade toda para trazer o que foi esquecido meio que de volta, eu acho importante devido que é da nossa cultura e é uma coisa que não pode ser esquecido, lógico que eu acho importante por causa disso, devido que também tem muita influência de fora e a gente tá deixando isso, muitas coisas a gente já perdeu não pode ser resgatado mais, mas enquanto a gente puder está resgatando quanto mais a gente resgatar eu acho melhor.

Mensagem dona Bernadete

Eu quero pedir para os jovens, rapazes, moças, crianças que estão estudando, eu peço para ficarem estudando e para não esquecer o nosso artesanato, nem a nossa língua, pois nós somos índios, mas eu quero que eles estudem para que um dia possam sair e dar valor e não perdermos para os brancos, pois os brancos estudam e eles aprendem, assim nós também índios, nós temos a oportunidade de ser alguém um dia, para não deixarmos eles saberem mais do que nós, pois nós somos índios, mas temos que aprender também.

Fade Educação Escolar

7ª entrevista Diretor Walter Vasconcelos falando sobre a implantação da escola na aldeia Santa Isabel

A escola foi implantada aqui na região do baixo Curupí, aqui na região Santa Isabel, Espírito Santo, Açaizal, na década de 30 pelo SPI (Sistema de Proteção ao Índio) nesse período a escola funcionava aqui na Santa Isabel, era professores de fora e tinha uns programas que incluía corte e costura, horta comunitária, datas cívicas e outras atividades, porém foi um período que foi muito prejudicial para os caripunas, porque a escola, os professores nesse período proibiam os indígenas a falar a língua indígena, então isso foi um ponto muito negativo depois que foi implantado a escola. Em sequência lutamos bastante para melhorar as nossas diretrizes, para ser respeitado o nosso calendário diferenciado, para que a gente possa ter uma matriz que atenda às necessidades e demandas das comunidades indígenas. Queremos ter um PPP (Projeto Político Pedagógico) mais próximo das comunidades indígenas, o PPP que nós temos nas comunidades hoje foi elaborado por pedagogos não indígenas e que é muito parecido com o da cidade, e que muitas das vezes não atende as necessidades não respeita o modo de vida da comunidade. Então a gente está com essa luta solicitando da secretaria de educação, reivindicando que eles respeitem essa nossa diferença.

8ª entrevista Sara Janne:

Eu estudei desde a pré-escola até a quarta série, aqui na aldeia Santa Isabel, como não tinha o ensino fundamental de quinta a oitava aqui e só tinha na aldeia vizinha Espírito Santo, então eu passei a estudar lá, ia todo dia, ia e voltava. Aí teve o ensino médio, aí eu vim pra cá de novo, eu voltei aqui para Santa Isabel, eu ia de canoa, de barco de voadeira, quando tinha combustível ia de barco de motos, quando não ia remando, voltei pra cá estudei o ensino médio, entrei no ensino médio eu tinha 15 anos e fui terminar com 19 quase 20, porque era modular, e como teve um professor que faleceu aqui, aí parou tudo.

Por curiosidade eu quis fazer o vestibular específico da UNIFAP (Universidade Federal do Amapá), eu ia ver como era, pelo menos se eu não passasse aquele ano eu ia saber mais ou menos como era a base do vestibular que eles estavam fazendo, ingressei passei com 17 pontos, empatei com dois professores, como os dois já eram professores, passaram os dois na minha frente me deixaram na lista de espera, fiquei esperando aí como abriu a vaga dos índios Palikur que não tinham como preencher a vaga, aí me chamaram que eu estava logo em seguida, aí eu entrei no curso de Licenciatura Intercultural indígena, específico para formar professores para trabalhar nas áreas indígenas.

9ª entrevista Professor Alberto Nilo

As dificuldades são bastante na sala de aula, a gente como professor a gente mostra a realidade para o aluno e tem aluno, o próprio indígena que não quer aprender a língua dele, eu falo porque eu sei as dificuldades que tem aqui, tem aluno e tem mãe que não apoia, tem mãe que diz pra que eu vou estudar a minha cultura se eu sei, pra que eu vou estudar a minha língua se eu sei falar, aí a pessoa não sabe nem falar.

Aí eu vou lá na cidade e perguntam tu és índio e a pessoa diz não, tem muita gente daqui que diz que não é índio, vive aqui e diz que não é índio, quer ser não índio. Eu disse não, não é assim que nós temos que viver, se você é indígena aqui, quando você sair você é indígena, eu não tenho vergonha de dizer que eu sou índio, mas isso como professor a gente trabalha bastante. Tem criança aqui que não quer, que não aceita, a mãe principalmente que não aceita, a mãe principalmente não gosta que ensine a cultura indígena, não gosta que eles estudem línguas, eles não gostam, acham que a gente está ensinando coisas que não devem pra eles. Então essas são as dificuldades que a gente encontra na sala de aula. Em reunião a gente fala pra mãe, tem gente que não sabe fazer nada, nem remédio caseiro as mães novas não sabem fazer, então são essas as grandes dificuldades, a escola está aqui de portas abertas pra eles, nós trabalhamos, eu sou professor, eu falo Patuá na sala de aula com os alunos, além de ser professor de história, por que a gente recebe alunos das comunidades Taminã, Txipidon e Pacapuá, no Taminã a maioria fala Patuá, eles entendem bem pouco o português, então eu tenho que tirar as dúvidas deles falando Patuá com eles, procurando orientar as dificuldades deles, o pessoal lá do Taminã eles aceitam, eles aceitam você ensinar na língua indígena, mas o pessoal daqui não aceitam, as mães daqui não aceitam, então as dificuldades daqui são essas que a gente como professor a gente passa, quando é final do ano, tem aluno aqui que não sabe nem falar Patuá, é indígena, nasceu aqui e não fala, não sabe falar Patuá, é indígena, nasceu

aqui, mas não fala, diz que não é índio para quê falar Patuá, então são essas as grandes dificuldades que a gente encontra na sala de aula.

Aqui na sala de aula a gente age de maneira assim, mostrando para eles a realidade né, porque se a gente não falar o Patuá, a gente pode até ser penalizado, as coisas vem, se vê que o progresso esta chegando no Oiapoque, então a gente pode ser penalizado com isso, perdendo as coisas, principalmente quem não sabe falar a sua língua, tem gente que não gosta, nem dançar o Turé querem dançar, que é a dança tradicional dos indígenas, quando fazem aqui pelo dia das crianças, eles não querem não participam, não bebam a bebida tradicional que é o Caxixi, prefere já a bebida que vem lá de fora, essas são as dificuldades nossas como professor na sala de aula, a gente é muito criticado por certo pais.

Mensagem Alberto Nilo

Para os jovens respeitar nossa cultura e tradição, desde as crianças até os adultos, principalmente hoje, pois se a gente deixar nossos costumes, nós vamos ser penalizados, principalmente nossa dança Turé, respeitar tudo que vem ao nosso alcance, que faz parte da nossa cultura nós temos que respeitar, hoje nós estamos aqui e não estamos para virar pedra, e por isso temos que respeitar!

Fade Língua Tradicional

O Patuá eu falava desde criança porque os meus pais eles falavam direto Patuá, eu falava assim o Patuá, mas depois que eu comecei a estudar na época eles faziam questão da gente não falar o Patuá que atrapalhava né, na escola, então a gente só passava mais pelo português aí eu vim falar um pouquinho, fui esquecendo e a maioria dos alunos que era do meu tempo, tinha esquecido isso, mas sempre os meus pais falavam, eu já não falava mas eu entendia tudo que eles falavam, então foi assim, aí com um tempo a gente foi ver que isso não estava certo, porque a gente estava perdendo, já tinha perdido praticamente, porque uns anos aí não se falavam Patuá quase na aldeia, só mesmo as pessoas idosas, já nós crianças, moças, rapazes, até hoje tens uns aí, que a modo tem vergonha de falar, não que eles não saibam mas eles tem vergonha de falar. Agora a escola já está trabalhando em cima disso, aqui mesmo em casa eu não falava com meus filho em Patuá parecia a modo que eu tinha vergonha de falar, não que eu não saiba, mas a modo parecia que eu tinha vergonha de falar com eles, eles também não falavam também, mas de um tempo pra cá a gente foi ver que isso não esta certo. Agora não a gente fala, eles falam e eu acho que isso é muito importante porque eu acho que é a única coisa que não devemos perder é a nossa língua, apesar que não é a nossa língua verdadeira,

mas a gente tem ela como nossa língua, eu acho tão bonito assim, alguém chegar e ver a gente falando a nossa língua né, então eu acho isso importante.

Fade canção de Ninar, cantada pela dona Bernadete:

10ª Entrevista Seu João Martins:

A língua Karipuna se perdeu devido que as pessoas não se interessaram em falar!

O Pajé esta aqui com a missão de salvar as pessoas das doenças. O Pajé não pode ficar sem cantar, não pode ficar sem se comunicar com os seres sobrenaturais.

Mensagem dona Chandoca

Para os rapazes aprenderem a respeitar, pois nós estamos no mês da semana santa e antigamente a semana santa era muito respeitada, nossos pais diziam que tínhamos que respeitar as plantas, tem que respeitar os mais velhos, temos que respeitar a todos. Porque no sábado de aleluia vai apanhar, o pai pegava o galho de cuia e passava em cima do fogo, e apanhava para chorar, isso foi o que meu pai e minha mãe deixou pra mim como herança, agora eu não sou assim com meus filhos, porque eu não posso tirar o galho de cuia, mas até o ano passado eu ainda fazia isso, surrava as pernas deles, pois tinha que respeitar a semana santa, não ficar bebendo, ficar bagunçando, mas hoje em dia eles não respeitam isso. Então eu queria que os jovens conservassem e respeitassem uma data dessa.

Respeitassem os mais velhos, respeitassem as crianças, os professores e as crianças de fora, antigamente era assim que a gente fazia.

Mensagem da Letícia:

Nós jovens e crianças de hoje não devemos esquecer nossa cultura, nem nossa língua e para os adultos para que eles possam nos ensinar pois não adianta a gente querer e não ter quem ensine.

11ª entrevista Sara Jane sobre o Patuá

Eu aprendi patuá quando a tia da minha mãe, veio lá do Kumarumã, quando ela veio ela trouxe os filhos dela que só falavam Patuá, como eles falavam e eu não entendia nada, eu me esforcei o máximo que podia para aprender com eles, só que como eu ouvia já a minha avó falando com o meu avô, aí que eu fui entender melhor como é a língua, só que os meus primos eles falavam o Patuá do Galibis-Maruernos é diferente, em algumas coisas é diferente

em algumas coisas é diferente o som. Só que eu não aprendi o deles eu aprendi o da minha avó. Eu aprendi mais de uma língua, porque eu só falava o português, não entendia o Patuá e eu comecei a aprender mais assim de curiosidade mesmo, eu fui aprendendo, me esforcei bastante, e hoje eu sei porque ele serve pra mim, até lá pra fora, eles perguntam, tu e índia e eu falo que sou, então fala uma língua, eu sei falar língua eu sei falar o Patuá, bem que ele não é nossa língua original é adotada, mas eu sei falar ele, e também serve para trabalhar na escola, agora eles querem as pessoas que saibam falar bem que é pra trabalhar na escola, repassar isso para as outras crianças e é um incentivo aprender a língua Kreoul que é o Patuá. E hoje a gente ver que a gente como indígena eles querem valorizar a gente só pela língua quase, se tu sabe falar tu é um índio, se tu não sabe tu não é, mesmo se tu é indígena no sangue, outras pessoas dizem que tu não é porque tu não sabe falar a tua língua, pra eles o índio de verdade fala língua.

Mensagem Sara Jane

Que as pessoas dessa comunidade, principalmente os jovens que eles não tenham vergonha em dizer que somos índios. Hoje nós temos escolas, temos bons professores, e que esses jovens não tenham vergonha de mostrar a cultura, temos que mostrar para os não-indígenas, que a gente estuda, que conhecemos nossos direitos, e não temos vergonha. Que não esqueçam dos costumes dos nossos antepassados, pois nós vamos continuar o legado da nossa cultura.

Fade Turé

12ª entrevista seu José fala sobre o Turé:

Dança de índio é Turé, em Criolo é sinale, arroua, Alacú, Piroro, o pauzinho aonde vai enfeitar a sala, mas é fora não é dentro da casa...

Entrevista parte II dona Ilma fala sobre o Turé:

Para agradecer pela plantação, pela colheita quando é época de colheita e ela é feita na lua nova de novembro. Então essa da lua nova de novembro é feita para agradecer pela boa colheita, que a roça foi bem, foi bem plantada, foi bem crescida, tudo ficou viçoso, e progrediu, deu bastante mandioca, as coisas que eles plantam, as raízes, as coisas que eles plantam para a manutenção da vida cotidiana.

13ª entrevista dona Bernadete, sobre o Turé

Agradecer os espíritos que fizeram o tratamento, das pessoas doentes, os remédios, aí dizem que eles dão de fumar para eles, dão de beber o Caxixi, então é isso, aí forma-se o Turé, todo mundo dança e bebe junto, é um momento de alegria, agradecer e para nós é importante isso porque faz parte da nossa cultura.

Dona Bernadete canta canção tradicional do Turé em Patuá.

Geralmente é pano vermelho, é saia, blusa, fazem o coca de pena, usa muita pena no próprio círculo, põe os pauzinhos, põe os fios, põe as penas, aí faz o mastro e tudo de pano vermelho, com aquelas bandeiras de pano vermelho, aí tem aquele Turé que eles chamam de Turé que eles tiram do mato para soprar a flauta que eles dizem, aí tudo isso... Maracá, cabo comprido enfeitado com pena, é uma festa praticamente, nossa festa indígena.